

A Universidade do Futuro

Cecília Oderich¹

RESUMO: A universidade teve suas origens nas escolas medievais e vem se adaptando às estruturas e regulamentações necessárias na modernidade. Com as novas possibilidades tecnológicas e mudanças do estilo de vida, as universidades começam um movimento de adaptação. O artigo visa refletir sobre a mudança do contexto e as perspectivas para a universidade do futuro.

PALAVRAS-CHAVE: universidade; mudanças; perspectivas futuras.

¹ Mestre em Administração (UFRGS), professora e coordenadora do curso de Administração da Faculdade União das Américas – Uniamérica. E-mail: cecilia@uniamerica.br

INTRODUÇÃO

A universidade, em seus primórdios, tinha a grande função de produção e disseminação do conhecimento. A produção e disseminação de conhecimento são necessidades humanas e sociais da atualidade e vem se desenvolvendo em grande velocidade devido ao progresso científico.

Porém, a organização e as estruturas atuais das universidades precisam se atualizar e mudar, tendo em vista as novas expectativas das pessoas, as novas possibilidades tecnológicas e a mudança do estilo de vida das pessoas.

O ambiente universitário faz parte do cotidiano de muitas pessoas na maioria dos países do mundo, e fica clara a influência prática que estas organizações – universidades - exercem na vida dos cidadãos que a elas têm acesso.

Este artigo se apresenta como uma breve reflexão sobre a transição educacional em nível superior e as mudanças possíveis na estrutura das universidades no futuro.

1. UNIVERSIDADE: RETROSPECTIVA

Universidade é o órgão máximo do sistema educacional regular de um país, com a função de preservar e renovar a cultura nacional e universal, ou seja, pode tanto ser uma força conservadora, quanto uma força de transformação da sociedade. A Universidade é um centro difusor de valores (Grande Enciclopédia Barsa, 2005).

Universidade significa

instituição educacional que abrange um conjunto de escolas superiores, destinadas à especialização profissional e científica, e tem por função principal assegurar a conservação e os progressos da ciência, pelo ensino e pela pesquisa; centro de cultura superior em que se preparam as elites culturais, profissionais e políticas dos povos modernos" (FERREIRA, 1985, p. 1220).

A universidade está presente em nossa sociedade há cerca de um milênio. Segundo Barbieri (IN: PEREIRA, 1999), a idéia de universidade remonta às fontes do pensamento filosófico e ao despertar da curiosidade científica, passando pela Academia de Platão, pelo Liceu de Aristóteles, pelas corporações de mestres e alunos da Idade Média e, atualmente, pela diversidade de redefinições modernas.

Segundo a Grande Enciclopédia Barsa (2005), a universidade teve sua origem nas escolas medievais conhecidas como *studia generalia*, criadas para suprir as deficiências das escolas catedrais e monásticas, que só preparavam alunos para a carreira religiosa.

A primeira universidade moderna foi a de Halle, fundada em 1694, renunciando à ortodoxia religiosa em benefício da investigação intelectual, objetiva e racional, e a primeira em que os professores ensinaram na língua vernácula, isto é, em alemão, já que antes era apenas utilizado o latim. O modelo alemão que trouxe a universidade como um complexo de escolas de graduação abrangendo pesquisa avançada teve influência mundial.

A partir do século XIX, a maioria das universidades adotou o princípio da liberdade de cátedra, que concedia a professores e alunos o direito de buscarem a verdade relativa, sem restrições ideológicas, políticas ou religiosas.

No Brasil, menos de três mil brasileiros se formaram até a independência, estes em Coimbra, Toulouse, Montpellier ou Reino Unido, já que não havia universidade no Brasil. A primeira universidade do Brasil foi a Universidade do Rio de Janeiro, atual UFRJ, fundada em 1920 (Grande Enciclopédia Barsa, 2005).

A história da Universidade no Brasil considera a influência predominante de três modelos europeus: o jesuítico, o francês e o alemão (PIMENTA, 2005).

2. UNIVERSIDADE: ATUALIDADE E PERSPECTIVAS

A maioria das universidades, nos dias atuais, busca contemplar três pontos básicos: ensino, pesquisa e extensão. Com um ambiente intelectualizado, geralmente estas instituições possuem ricas bibliotecas, laboratórios, auditórios e, principalmente, salas de aula, sendo divididas em unidades conforme as áreas do conhecimento.

Muitas dúvidas permeiam os debates sobre os rumos destas instituições, que têm diferentes níveis de desenvolvimento no mundo, sendo adaptadas à cultura e ao contexto do país ou região em que se inserem. Barbieri (apud PEREIRA, 1999, p. 13) alega que

no ocaso do milênio que fez a universidade, é oportuno o reexame profundo das idéias que a geraram, a transformaram e que devem contribuir para fazê-la renascer em sintonia com as exigências no milênio que chega.

Alguns autores criticam o modelo atual de educação. Vejamos:

Se educação é na essência emancipação, cabe *fazer* acontecer, não apenas acontecer. Educação deve fundamentar a capacidade de produzir e participar, não restringir-se ao discípulo, que ouve, toma nota, faz prova, copia, sobretudo 'cola' (DEMO, 1993, p. 131).

Portella (apud PEREIRA, 1999) questiona quais os parâmetros que conduzirão os processos de formação, se persistirá a referência humanista da educação e se sobreviverá a velha distinção entre o clássico e o científico.

Segundo Demo (1993, p. 65), "[...] insinua-se tendência obsoleta, afastando-se a universidade de seu compromisso com a vanguarda do desenvolvimento".

Pimenta (2005, p. 98) apresentam três grandes desafios contemporâneos: 1) a sociedade da informação e a sociedade do conhecimento; 2) sociedade da esgarçada das condições humanas, traduzida na violência, na concentração de renda, nas

drogas, destruição do meio ambiente e das relações interpessoais, por exemplo; 3) sociedade do não-emprego e das novas configurações do trabalho.

Segundo Dimenstein (2001), embasado em pesquisas realizadas pela Escola do Futuro da USP – Universidade de São Paulo, é generalizada a convicção de que a aprendizagem será contínua ao longo da vida, que muitas das aulas serão dadas à distância e o aluno poderá montar o seu próprio curso e que, com isso, o diploma convencional pode vir a perder importância. O autor coloca que a boa escola será aquela que submeter seus alunos à maior quantidade possível de experimentações e pesquisas, nas quais o professor desempenhe o papel de facilitador.

O contexto de docência acadêmica traz muitas reflexões. Muitas universidades contam com uma cultura na qual vários professores não estão inseridos na pesquisa e produção de novos conhecimentos, atualizando-se apenas para as disciplinas ministradas.

No Brasil, as universidades têm exigências frente aos órgãos reguladores da educação superior no país, quanto ao aperfeiçoamento e qualificação do corpo docente, incluindo-se aí a produção científica, em que se considera o número de artigos publicados pelos professores-pesquisadores, mas mesmo assim a cultura de produção científica, pelo menos na nossa realidade, ainda deixa a desejar.

O professor completo pesquisa, produz e dissemina conhecimentos através da boa comunicação, o que ocorre por diferentes canais e com diferentes técnicas. Demo (1993, p. 127) ainda destaca a pesquisa de modo especial, ao colocar que a trilogia ensino-pesquisa-extensão precisa ser revista e que “um conceito adequado de pesquisa é capaz de absorver, com vantagens, os outros dois, e redirecionar a universidade para o comando da modernidade”.

Percebe-se a urgência em revitalizar a prática científica da descoberta, da pesquisa, da reflexão, da publicação.

Um novo paradigma emerge no bojo dos velhos paradigmas. Novas formas de viver nas instituições escolares estão sendo construídas. Na vida universitária, muitos estão apostando na mudança das velhas práticas. Busca-se um ensino que privilegie a produção do conhecimento por parte dos alunos, o que implica pensar um ensino criativo (CASTANHO, 2000, p. 88).

Existem perspectivas de mudanças mais profundas na estrutura educacional de nível superior.

3. ESTRUTURA E TECNOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO FUTURO

Uma das maiores tendências para o futuro é a educação à distância – EAD, que vem crescendo de forma acelerada no meio acadêmico.

Na Europa, este tipo de educação já vem ocorrendo há algumas décadas. Após a segunda guerra, a Universidade de Londres criou a universidade aberta e cursos de extensão universitária. A Universidade Aberta facultou cursos a distância a partir de 1969, através de correspondência, programas de rádio e televisão e escolas residenciais de verão, o que possibilitou o acesso à massa da população que trabalhava em regime integral (Grande Enciclopédia Barsa, 2005).

Atualmente, com as possibilidades de uso do computador, da internet e outras ferramentas tecnológicas, a EAD já tem uma boa qualidade. A possibilidade de expansão além de limites geográficos e da economia de tempo possibilitada pela EAD vêm trazendo mais e mais alunos interessados neste tipo de metodologia educacional.

Pode-se utilizar muito o sistema misto, de educação à distância e educação presencial, esta última contemplando imersões com diferentes prazos de duração dependendo do interesse dos estudantes.

Além disso, o ambiente físico da Universidade do Futuro poderia ser composto, principalmente, por salas para debates e reuniões, salas otimizadas para estudo e pesquisa, auditório de eventos, laboratórios diversos e uma grande biblioteca com diferentes artefatos de conhecimento, por exemplo: livros, vídeos, DVDs, jornais, revistas, coleções.

Segundo Lowman (2004), o ensino universitário de qualidade requer sólido domínio dos conteúdos, boa comunicação e relacionamento interpessoal com os estudantes, de forma a criar um ambiente que propicie a motivação, além da promoção da capacidade intelectual e reflexiva, interdisciplinar.

A ausência das salas de aula convencionais pauta-se na premissa de que, no futuro, a aprendizagem ocorrerá por meios práticos de resolução de problemas, orientações de tutores e, principalmente, pelo autodidatismo, em grupos ou individualmente.

O ambiente universitário poderia oferecer: o acesso à informação através de diversas fontes, salas otimizadas para estudo, pesquisa e produção científica, além da oportunidade de troca de informações, trabalhos em equipe e debates entre os indivíduos. As viagens orientadas também seriam muito estimuladas, com metodologias de estudos de caso, desafios na resolução de problemas e busca de soluções e inovações.

Não seria mais necessário o *diploma*, tempo mínimo de formação, colação de grau ou exigência de créditos. Todo o processo poderia ocorrer através de roteiros de estudos e professores-orientadores, a fim auxiliar na formação dos alunos continuamente, conforme os interesses e necessidades de cada um.

4. PROFESSORES-ORIENTADORES

Segundo Demo (1993, p. 76), na atualidade, “o professor continua definido como ministrador de aulas, algo totalmente obsoleto, se não for, na base, produtor de conhecimentos próprios, capaz de elaboração original”.

Na Universidade do futuro, o professor poderia desempenhar muito mais o papel de pesquisador e orientador. Os professores teriam um papel muito importante na construção da ética e dos valores institucionais.

“A pedagogia pós-moderna verá a difusão e articulação dos conhecimentos, trabalhará sobre as opiniões, as atitudes e a personalidade, entrará no mundo dos valores em vez de restringir-se às áreas da utilidade.” (POURTOIS, 1999, p. 38)

Segundo Gadotti (2000, p. 79), “educar é impregnar de sentido as práticas, os atos cotidianos. Portanto, a competência do educador tem uma dimensão ética, pela própria natureza do seu quefazer”.

Os professores-orientadores poderiam liderar e nortear a formação e desenvolvimento de grupos de estudo e grupos de pesquisa reflexivos e práticos. A abordagem seria interdisciplinar. Citamos Gadotti (2000, p. 221), neste sentido, quando afirma que “a interdisciplinaridade, como questão gnosiológica, surgiu no final do século passado, pela necessidade de dar uma resposta à *fragmentação* causada por uma epistemologia de cunho positivista”.

Um exemplo disso seria um estudante que se interessa por psicologia, faz uma busca pela *internet* e encontra roteiros recomendando estudos básicos, bibliografia, exercícios e o melhor caminho a ser seguido. Este aluno pode se interessar em desenvolver, a seguir, uma pesquisa sobre a psicologia no ambiente empresarial, então buscará por Administração e fará seus estudos. A partir disso, o aluno aprende e desenvolve seus próprios trabalhos, dentro de uma abordagem transdisciplinar, unindo conhecimentos de diferentes disciplinas e criando novas linhas e abordagens de conhecimento.

O estudante teria o apoio de professores-orientadores, conforme as competências, experiências, publicações e pesquisas destes.

A interdisciplinaridade é uma forma de pensar. Piaget (1972, p. 144) sustentava que a *interdisciplinaridade* seria

uma forma de ser chegar à *transdisciplinaridade*, etapa que não ficaria na interação e reciprocidade entre as ciências, mas alcançaria um estágio no qual não haveria mais fronteiras entre as disciplinas (GADOTTI, 2000, p. 222).

Considera-se muito importante, neste modelo, a atualização e reciclagem sistemática dos professores-orientadores. Perrenoud (2000) aborda a importância de os professores terem seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua, explicitando a possibilidade do auto-desenvolvimento docente.

Desse modo, a lucidez profissional consiste em saber igualmente quando se pode progredir pelos meios que a situação oferece (individualmente ou em grupo) e quando é mais econômico e rápido apelar para novos recursos de auto-formação: leitura, consulta, acompanhamento de projeto, supervisão, pesquisa-ação (...) (PERRENOUD, 2000, p. 163).

O estudante, neste caso, buscaria o professor-orientador mais competente e que pesquisasse predominantemente as áreas afins às do seu interesse. Estes orientadores também coordenariam os grupos de pesquisa, dos quais os alunos participariam, atuando em conjunto, enquanto fosse interessante para eles.

5. APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE DO FUTURO

Na universidade do futuro a aprendizagem seria pautada na pesquisa, considerando a pesquisa como “o diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção. Em tese, pesquisa é a atitude do *aprender a aprender*” (DEMO, 1993, p. 128).

A abordagem seria pautada na educação universalista. Conforme Gadotti (2000, p. 79-80) coloca:

(...) educar para a cidadania planetária supõe o reconhecimento de uma comunidade global, de uma sociedade civil planetária. As exigências da sociedade planetária devem ser trabalhadas pedagogicamente a partir da *vida cotidiana*, a partir das necessidades e interesses das pessoas. (...) Uma educação para a cidadania planetária deveria nos levar à construção de uma *cultura da sustentabilidade*, isto é, uma biocultura, uma cultura da

vida, da convivência harmônica entre os seres humanos e entre estes e a natureza (equilíbrio dinâmico).

O *currículo profissional* seria apresentado a partir dos artigos produzidos, de experiências práticas desenvolvidas e de balanços periódicos de competências. Entende-se competências, aqui, como conhecimentos, habilidades e atitudes para o desempenho de determinado trabalho (ODERICH, 2005).

Perrenoud (2000, p.52) propõe a tomada de decisões de progressão de aprendizagem “a partir de um balanço das aquisições e, ao mesmo tempo, de um prognóstico e de uma estratégia de formação que considere recursos e dispositivos disponíveis”.

O autoconhecimento poderia ser estimulado, no sentido de fornecer ao estudante a possibilidade de aperfeiçoar suas características pessoais, posturas profissionais e melhorar sua capacidade de interação.

Algumas profissões, a serem analisadas e definidas poderiam requerer certificação através avaliações de aprendizagem teóricas e práticas específicas e alguns critérios de formação mínima para o exercício da profissão. Neste caso o sistema de atuação profissional também necessitaria uma readequação e novas formas de seleção profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe o vislumbre de um modelo de universidade mais avançado, no qual o tempo e a canalização do potencial das pessoas fossem melhor aproveitados, com maior produtividade e satisfação.

A universidade do futuro é uma possibilidade prática, que pode parecer utópica na estrutura atual predominante, mas o que parecia absurdo no passado hoje é realidade e o ser humano vive em mudança constante rumo a novas possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTANHO, Maria Eugênia L. M. A Criatividade na Sala de Aula Universitária. IN: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (Orgs.). **Pedagogia universitária: a aula em foco**. 2.ed. Campinas-SP: Papirus, 2000. p. 75-89.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 12. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

DIMENSTEIN, Gilberto. O Professor do futuro. **Jornal Folha de São Paulo**, C. 6, 5 ago. 2001.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 11.ed. Rio de Janeiro: Nacional, 1985.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GRANDE enciclopédia Barsa. 3. ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2005. v. 14.

LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.

ODERICH, Cecília. Gestão de competências gerenciais: noções e processos de desenvolvimento. IN: Ruas, Antonello e Boff (Orgs.). **Os novos horizontes da gestão: aprendizagem organizacional e competências**. Porto Alegre: Bookman, 2005. p. 88-115.

PEREIRA et al. **Visão e ação: a universidade no século XXI**. Rio de Janeiro: Uerj, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido, ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

POURTOIS, Jean-Pierre; DESMET, Huguette. **A educação pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1999.

